

## DO TEMPO

Ao longo dos capítulos anteriores procurei falar do tempo na paisagem, ou das paisagens com tempo. E do tempo em que fui aprendendo a ler paisagens.

A minha preocupação central foi escrever sobre paisagens invisíveis, as que estão para trás do que vemos e as que estarão para a frente do que vemos.

Tenho a ideia de ter lido uma resposta de Eugénio de Andrade acerca das razões que o levavam a não escrever sobre música, ele que ouvia música com paixão e escrevia da poesia mais musical que se conhece. Na memória que tenho dessa resposta ele dizia que entendia que da música só valeria a pena falar tecnicamente, coisa de que não era capaz. No entanto pode gostar-se de música, e até fazer música, sem a dominar tecnicamente.

Do mesmo modo, para apreciar uma paisagem, ou mesmo para a pintar, não é preciso conhecê-la tecnicamente.

Mas fiz apelo a toda a capacidade técnica de que fui capaz para escrever sobre paisagem, isto é, sobre a síntese que resulta da forma como o homem se relaciona com a natureza ao longo do tempo.

E não foi técnica a minha maior dificuldade. Escrever tecnicamente sem que se sinta a dificuldade técnica é que me pareceu difícil.

Resolvi, por isso, contar histórias sobre o gosto que me dá poder ler paisagens nos passeios que dou, nas conversas com quem me aparece ao caminho, nos livros que outros escrevem.

O prazer de tentar perceber por que razão está ali o que julgava não ser possível, o prazer de perceber a inteligência do traçado de uma estrada, o prazer de ver ordem no crescimento não planeado de uma cidade que respeita o seu território, tudo isso procurei que fosse o essencial.

Procurei imitar o filme da savana e retratar processos que conhecemos de todos os dias, mas cujo sentido não é evidente porque a memória nos atraiçoa e não nos deixa estabelecer relações de causa e efeito.

Nessas histórias sem ficção, o tempo serviu-me sempre de arrimo e condutor, porque sem ele, paisagem e pintura confundem-se.

E, eu, de pintura não sei dizer nada.

A capacidade de interpretar paisagens e de me ensinar a ler o mundo à minha volta sempre foi uma coisa que apreciei noutras pessoas que, felizmente, fui encontrando ao longo do tempo. Algumas, não das menos importantes, fui citando no texto, assim como quem tira o chapéu a quem passa.

Quase todas estas pessoas são arquitectos paisagistas, porque quis deixar claro que muito do que escrevi resulta desta minha condição de arquitecto paisagista que passou muito tempo a ouvir outros arquitectos paisagistas pelo País fora.

Deixei no entanto por fazer qualquer referência a Alexandre Cancela de Abreu mas não porque me fosse difícil encontrar a história certa para lhe tirar o chapéu – quem conta um conto pode sempre acrescentar um ponto.

Mas porque quis que fosse o último.

**Título**

*Do Tempo e da Paisagem (Manual para leitura de paisagens)*

**Autor**

Henrique Pereira dos Santos

**Edição e *copyright***

Princípia, Cascais

1.<sup>a</sup> edição – Março de 2010

© Princípia Editora, Lda.

**Design da capa** Maia Moura Design (sob aguarela de Nuno Mendonça)

**Execução Gráfica** Guide Artes Gráficas, Lda.

**ISBN** 978-989-8131-66-9 • **Depósito Legal** 306661/10